

NEGRITUDE E POÉTICA EM “CACHAÇA”, DE BRUNO DE MENEZES

Edvaldo Santos Pereira (UFPA)¹

Resumo: Em abordagem sobre a negritude, pela expressão da memória de remanescentes africanos, a poética de Bruno de Menezes, poeta paraense, traz a figura do negro na luta para se inserir na sociedade de Belém, marcada pela hegemonia da cultura europeia. Embora distante da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris por estudantes negros de colônias francesas, Bruno de Menezes mostra o negro em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos do colonialismo etnocêntrico imposto aos países latino-americanos. Como narrativa memorialística de traços identitários afro-americanizados, propõe-se aqui a análise do poema “Cachaça”, com focalização na resistência do negro contra o poder do senhorio.

Palavras-chave: Negro; Negritude; Identidade; Memória; Poder

Apresentação

A partir de uma análise do poema “Cachaça”, com temática acerca da negritude como forma de expressão de uma memória africana guardada pelos remanescentes dos negros que foram trazidos ao Brasil do século XVI ao século XIX, este trabalho traz, pela poética de Bruno de Menezes, poeta paraense, a figura do negro e dos afrodescendentes, na luta diária para se inserir na sociedade de Belém, maior metrópole da Amazônia no início do século XX, marcada pela hegemonia da cultura europeia, que se manteve como cultura primordial, já que a organização política e social firmava-se sob os mesmos princípios e valores cultivados pelo colonizador.

Ainda que distante geograficamente da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris pelos estudantes negros de colônias francesas, como forma de colocar à mostra as culturas africanas dispersas pelo mundo, sobretudo pelos países americanos, a expressão poética de Bruno de Menezes traz a figura do negro e afrodescendentes, em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos de um colonialismo etnocêntrico imposto aos países latino-americanos.

Nessa luta, a cultura europeia não conseguiu se sobrepor de forma a extinguir traços identitários das culturas de uma variedade de etnias africanas, trazidas para a América como mão-de-obra escrava, e sob essa condição permaneceram por três séculos, até o momento da abolição de uma escravatura que, mesmo instituída sob os efeitos legais, ainda continuou velada nas ações de grande parte do povo e até mesmo na prática repressora do Estado.

¹ Graduado em Psicologia e Letras (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA).
Contato: pereira.edvaldo56@gmail.com

Como narrativa memorialística de uma identidade afro-americanizada, propõe-se aqui a análise do poema “Cachaça”, com focalização na resistência do negro, em sua luta contra o poder do senhorio. No poema, é possível perceber o uso dessa bebida em circunstâncias diversas, seja como artifício de consolo, de manifestação religiosa, de diversão ou de força, motivo do desenvolvimento de uma observação pautada na valorização dos traços africanos que se mantiveram e se tornaram contribuintes para a formação de uma identidade coletiva, não apenas de Belém, cidade cenário da maioria dos poemas de Bruno, porto de chegada para muitas etnias africanas, mas também de saída, ou até mesmo de fuga para a formação de quilombos em outras localidades da região Amazônica.

Daqueles que permaneceram em contato com as diferentes culturas da região, muito foi absorvido, possibilitando a abertura de novos horizontes relacionados à formação de cidadãos dessa sociedade que, em sua diversidade étnica e cultural, congrega traços significativos de etnias africanas, assim como acontece em outras regiões do Brasil, de um modo geral, oportunizando um estudo mais aprofundado das tendências da poesia de uma época em que os poetas descobriam as vozes que construíram a nossa identidade nacional, passando então a valorizá-las pela transmissão de uma memória cultural desses caracteres passados de uma geração a outra, com função relevante no processo de assimilação de valores sociais, e também para o desenvolvimento de todo indivíduo, enquanto membro de qualquer sociedade.

O poema

A partir da representação de uma memória histórica no poema “Cachaça”, do poeta paraense Bruno de Menezes, toma-se neste trabalho a perspectiva de Alfredo Bosi acerca da elaboração da linguagem, que desde o princípio de sua evolução, recebeu da poesia “o abrigo da memória, os tons e as modulações do afeto, o jogo da imaginação e o estímulo para refletir, às vezes agir” (2013, p. 9).

Como demonstração de aspectos que registram a presença africana na Amazônia, o poema enfoca a relação que o negro estabeleceu com a bebida como um recurso para enfrentar o desafio da busca pela garantia de espaço num meio social hostil, marcado pelas imposições de uma colonização europeia.

Muito se tem discutido, especialmente entre os historiadores, a respeito da chegada do negro à Amazônia, e sua efetiva participação na sociedade dessa região. Sem uma definição exata, mas logo no início da ocupação portuguesa, navios provenientes da África aportaram na cidade de Belém, um dos primeiros assentamentos urbanos fundados na região, no início do século XVI. “A busca da data da introdução do primeiro carregamento de negros para esta parte da colônia, por iniciativa dos portugueses tem sido no entanto um esforço inútil. De qualquer forma, ele chegou na primeira centúria” (SALLES, 1971, p. 16). Essa iniciativa está relacionada à busca de mão-de-obra para novas terras onde se estendia o plantio da cana-de-açúcar, em virtude do declínio econômico ocasionado pela ocupação holandesa no nordeste brasileiro, detendo o poderio sobre a produção do açúcar naquela região.

Personagem marcante no desenvolvimento da lavoura canavieira, fonte econômica no princípio da colonização, o negro aparece mencionado na literatura brasileira, nos sermões do padre Antônio Vieira, como o escravo subjugado que não tinha direito algum, nem mesmo sobre o produto do seu trabalho, condição demonstrada no “Sermão do Rosário dos Pretos” que, direcionado ao negro na sua labuta nos engenhos, pondera: “Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: Sic vos non vobis mellificatis, apes” (VIEIRA, 1633, p. 14). O verso latino mencionado no sermão é atribuído ao poeta Virgílio, da antiguidade romana, e faz referência ao doce produto como resultado do árduo trabalho executado na produção dos engenhos de cana, que se estabeleceram à custa da força física do negro.

Essa mesma condição, enfatizada no sermão, recebe uma outra conotação observada por Alfredo Bosi, ao considerar que no engenho retratado por Antônio Vieira havia uma exposição de características medievais, também sugerida por Inácio de Loyola, o padre espanhol que foi o primeiro superior-geral da Companhia de Jesus, empenhado nas missões jesuíticas da contrarreforma. Assim, é levado em conta que “esse poder de fantasia não enevoava na consciência do homem o fato bruto da exploração do servo pelo senhor” (BOSI, 2015, p. 47), representados no Brasil colonial pelo escravo africano e pelo senhor de engenho, respectivamente.

A insatisfação diante de tais circunstâncias que relegavam o negro a um lugar à margem dessa sociedade, foi o incentivo à luta por um espaço que, embora garantido após

a abolição da escravatura, não era reconhecido por muitos que mantiveram o mesmo posicionamento de um regime escravocrata já não vigente.

Nessa luta, a cultura europeia não se sobrepôs a ponto de extinguir traços identitários das culturas africanas trazidas para a América pela mão-de-obra escrava, e sob essa condição permaneceram por mais de três séculos, até o momento da abolição de uma escravatura que, mesmo revogada sob os efeitos legais, ainda continuou velada nas práticas de grande parte do povo, e também nas ações repressoras do Estado.

Na poética de Bruno de Menezes, poeta paraense afrodescendente, a figura do negro e dos seus descendentes é apresentada na luta diária para se inserir na sociedade de Belém, no início do século XX, marcada pela hegemonia da cultura europeia, que se manteve como cultura primordial, mesmo após os movimentos de emancipação do Estado brasileiro, como a independência e a república, em cuja organização política e social firmavam-se os mesmos princípios e valores cultivados no período colonial.

Distante geograficamente da manifestação em prol da negritude, iniciada em Paris pelos estudantes negros de colônias francesas, como forma de inserção social que colocou à mostra as culturas africanas dispersas pelo mundo, sobretudo pelos países americanos onde o contingente negro era significativo, a expressão poética de Bruno de Menezes põe à mostra a figura dos remanescentes de várias etnias africanas em semelhante busca, contrapondo-se aos atributos impostos aos países latino-americanos, mantidos sob os ideais de um colonialismo etnocêntrico.

Nesse contexto, Bruno de Menezes focaliza, em suas narrativas memorialísticas de uma identidade afro-americanizada apresentada em inúmeros de seus poemas como o poema “Cachaça”, o processo de resistência do negro na luta, em princípio, contra o poder do senhorio e, posteriormente, pela inserção numa sociedade, que mesmo após a abolição da escravatura, pouco perdera dos hábitos escravocratas, conservados desde o período colonial.

Numa perspectiva benjaminiana, o poema é criado a partir do olhar do flâneur, como um observador atento, capaz de expressar a “memória individual que se abre à partilha, aspirando, desse modo, a uma memória plural e tornando-se assim patrimônio ou memorial de um tempo escoado, mas que continua a marcar, como uma ferida ou cicatriz, o presente...” (RIBEIRO/VECHI, 2012, p. 90). Assim, pelo presente que se faz sob vestígios do passado, a memória construída no poema é marcada pelas adaptações

decorrentes da condição de uma escravidão mantida por um longo período de nossa história, numa elaboração peculiar da expressão poética de Bruno de Menezes, observadas nas estrofes a seguir:

Ó negro arrancado ao torrão congolense:

Tocaste urucungo nos brigues corsários,
dançaste de tanga batuque e jongos
à força de peia
fingindo alegria!
Foste quem plantou partidas de cana
na terra da América,
que o engenho ainda hoje mastiga rangendo.

Surrado vendido
mas tendo na alma
seu santo Orixá.
Sem nunca esqueceres da selva do Congo,
os verdes coqueiros os teus bananais,
fizeste o açúcar o mel a cachaça
que esquenta o teu sangue,
que te dá coragem.

Cachaça é tua vida,
tua festa teu mundo,
saúde remédio até valentia.
Coleira de ferro,
“bacalhau” palmatória,
tu nada sentias tomando da “pura”.

Cachaça nascida do olho da cana,
que faz com que o negro nem pense em morrer,
que põe nas mãos dele cuícas e surdos
na hora dos ranchos dos sambas e choros.

(MENEZES, 1993, p. 245/246)

Como representação memorialística, o poema é, do início ao fim, constituído em forma de diálogo, repleto de traços da oralidade. O primeiro verso “Ó negro arrancado ao torrão congolense:”, destacado como um vocativo, desperta a atenção do negro para a condição do exilado que não teve a escolha de viver em sua própria terra. Essa forma de expressão dá-nos a ideia do direcionamento a uma segunda pessoa. Porém, no decorrer da narrativa, a manifestação do eu lírico tomará duas direções; uma pela qual o narrador se dirige a uma segunda pessoa, sendo ora ao negro, ora à cachaça; e outra quando o

narrador se reporta em terceira pessoa ao negro, à cachaça e outros referentes, tecendo comentários acerca de aspectos da sua relação com a bebida.

O verso “Tocaste urucungo nos brigues corsários” dá-nos a percepção do negro espoliado, viajando de sua terra rumo ao desconhecido. Embora ciente de sua condição de escravo, não deixou de manifestar muito de suas tradições, em especial as musicais, mostradas no poema pelos instrumentos e danças africanos, representantes de uma variedade de manifestações, seja como divertimento, disfarce ao sofrimento, ou pela expressão de religiosidade. Com o afastamento de sua terra, a aquisição de novos hábitos não o impediu de conservar as reminiscências de uma África, que mesmo distante, desfocando-se com o tempo, continuava viva em sua memória.

O uso da bebida, aplicado em circunstâncias diversas, seja como artifício de consolo, de manifestação religiosa, de diversão ou de encorajamento, foi o recurso utilizado pelo negro como forma de resistência às imposições da escravidão a qual estava submetido. Por outro lado, foi também o motivo do desenvolvimento de uma observação poética pautada na valorização dos traços culturais africanos que se mantiveram e se tornaram contribuintes para a formação de uma identidade coletiva, não apenas de Belém, cidade cenário da maioria dos poemas de Bruno de Menezes, porto de chegada para muitas etnias africanas, mas também de saída para outras localidades da região amazônica, refúgios que deram origem à formação de quilombos.

O trajeto da narrativa é feito a partir da vinda dos navios proveniente da África, com os primeiros escravos trazidos para trabalharem no plantio da cana no início do período colonial, indo até o período pós abolição da escravatura em que os afrodescendentes, sem muitas opções, encontraram no porto de Belém, muito movimentado no início do século XX, no trabalho pesado como estivadores, uma forma de ganharem o seu sustento, sob os efeitos da bebida, realçados nos versos: Que fazes os braços ficarem mais ágeis/na estiva no rolo empurrando carrinho,/dando pão de fogo pra boca das fornalhas.

Considerações finais

Com uma poética voltada à questão do negro ainda sob os efeitos das imposições de uma sociedade conservadora do pensamento escravocrata, não abolido com a outorga dos direitos que a Lei Áurea lhe conferiu, o poeta transpõe em seus versos as dificuldades

enfrentadas por aqueles que, embora livres pelo rigor da lei, pouco conseguiam para sobreviverem, sendo relegados, pelas condições desfavoráveis de melhor preparo ao mercado de trabalho, a colocações inferiores, sobretudo aquelas que lhes eram atribuídas mesmo antes da revogação da escravatura.

Ao focalizar o negro na luta diária pela inserção na sociedade belenense, Bruno de Menezes possibilitou a abertura de novos horizontes relacionados à formação dessa sociedade que, em sua diversidade étnica e cultural, congrega particularidades significativas de etnias africanas, assim como em outras regiões do Brasil, de um modo geral, oportunizando um estudo mais aprofundado das tendências da poesia de uma época em que os poetas descobriam as vozes que construíram os matizes de tantas identidades de uma nação plural, valorizados pela transmissão da memória cultural dos caracteres passados de uma geração a outra, com função relevante no processo de assimilação de valores sociais, e também para o desenvolvimento do indivíduo enquanto membro dessa sociedade.

Portanto, com a exaltação à bebida produzida da cana plantada, inicialmente pelos escravos no período colonial, o poema mostra a estreita relação que o negro manteve com ela, sendo por ele usada como elemento que estava presente em todas as suas formas de manifestação cultural, como nas danças, para o divertimento, e nos cultos religiosos, para invocação de suas divindades, servindo ainda como objeto de fuga da difícil realidade enfrentada nas senzalas e no duro trabalho de subemprego ao qual submeteu-se após a abolição da escravatura.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. – 50. ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

_____. **Entre a literatura e a história**. – São Paulo: Editora 34, 2013 (1ª edição).

MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. V. 1. Belém: Secretaria Estadual de Cultura – Conselho Estadual de Cultura, 1993.

RIBEIRO, Margarida Calafate; Vecchi, Roberto. A memória poética da guerra colonial de Portugal na África: Os vestígios como material de uma construção possível, in: **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Organização: Sabrina Sedlmayer e Jaime Ginzburg. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime de escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971.

VIEIRA, Antônio. **Sermão XIV (1633)**. Edição eletrônica: Verônica Ribas Cúrcio. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000032pdf.pdf>
Acesso em: 28/05/2018.